



Marujo

CAROS SOBRINHOS, ESTA É A HISTÓRIA DO MARUJO.

Marujo era o cavalo de vovô Victório Sens. Ele foi adquirido no ano de 1958, próximo do nascimento da tia Beth, com apenas cinco anos de idade, do irmão do tio Genésio, marido da tia Metcha, uma das irmãs do vovô Victório.

O Marujo foi encontrado quase abandonado no pasto de uma olaria perto de Rio do sul, quando estava muito doente, muito magro, e quase morrendo. O pobre animal estava com trava nos dentes, uma doença na gengiva, e foi tratado pelo tio Ize, (Isidoro) um dos irmãos de vovô, que operou o Marujo. Esta triste cena foi acompanhada de perto pelo tio Moacyr, o Tite, que até ajudou, segurando o torniquete no beicho do Marujo, o deixando completamente imóvel e anestesiado pela extrema dor.

Para esta cirurgia, um pedaço de pau foi atravessado na boca aberta do Marujo e uma talhadeira de aço, muito quente, em brasa, foi passada pela gengiva do Marujo, que permaneceu imóvel, sem corcovear, mas sob gemidos angustiantes. Após este tratamento, que foi um sucesso, o animal passou a ser alimentado com muita alfafa e milho, vindo a engordar e a mostrar seu verdadeiro físico e sua monumental elegância. Tio Tite o escovava diariamente e lhe penteava as enormes crinas, utilizando os pentes da tia Ezir, escondido.

O vovô Victório gostava de desafios e de coisas diferentes, incomuns, por isto adquiriu o Marujo, à beira da morte, para transformá-lo no animal de maior vigor físico da região, aos seis anos de idade. Marujo era de origem uruguaia e era mesmo um animal diferente e incomum. Vovô Victório precisou dele para a conclusão das obras de sua nova casa, de material, ou alvenaria. Para isto, inicialmente, encomendou a fabricação de um correame, ou conjunto de arreios para permitir o atrelamento do animal numa carroça, especialmente sob medida, pois aqueles comuns, tamanho padrão, não entravam no grosso pescoço do Marujo.

Desta forma, o correame especialmente fabricado ficou certinho para o pescoço reforçado do Marujo, mas também ficou bem pesado. As carroças comuns, destinadas a apenas um cavalo, também ficavam desproporcionais e estranhas perto do Marujo. Desta forma, vovô Victório desenhou e também mandou construir especialmente sob medidas uma carroça quase do tamanho utilizada para ser puxada por dois cavalos, mas no lugar de uma lança central, foram instalados dois braços, de madeira leve, flexível e muito resistente.

Marujo era imponente, maior do que qualquer cavalo já visto em todo o alto vale do Itajaí, de patas bem largas e limpas, tão largas que nenhuma ferradura padrão lhe servia e, de qualquer modo, ele nunca se adaptou às ferraduras e nunca as utilizou, embora algumas tentativas de lhe fixar tal artefato ferroso. Marujo era de pelagem negra, um



Marujo

preto liso, uniforme e sem qualquer mancha pelo corpo, exceto nas patas e na testa. Suas patas pareciam calçadas com meias brancas, e seu rabo era muito comprido, suas crinas longas, tão longas que cobriam todo o pescoço, por vezes caíam para ambos os lados, magnificamente distribuídas. A testa de Marujo era simetricamente marcada por uma pelagem branca, larga entre as orelhas e afinada gradualmente até o focinho.

Marujo não era de sela ou de montaria e tampouco um cavalo ligeiro, mas era muito forte e de reflexos rápidos. Marujo era um animal para carga pesada, quase tudo que outros faziam com dois cavalos, Marujo fazia sozinho, e com prazer e muito mais elegância. Marujo tinha 1,75m de altura, quase 2,5 m de circunferência na cintura, e pesava quase 1200 kg.

Uma de suas primeiras tarefas foi ajudar na construção da nova casa de material de vovô Victório.

Marujo foi incumbido de trazer parte das pedras do alicerce da casa, retiradas de pedreiras da fazenda das Águas Negras, até a casa do vovô, no centro da pequena cidade de Ituporanga. As estradas eram de barro, nem todas batidas, pelo contrário, em grandes trechos em chão macio, em estreitas trilhas rasgando pastos, como aqueles do grande amigo de vovô Victório, o Samuel Bernedt, da Olaria das Águas Negras.

Além das pedras do muro da casa, o Marujo também transportou grande parte dos tijolos, a cada viagem cerca de 350 tijolos maciços, aproximadamente 1050 kg, sempre da olaria das Águas Negras, do seu Samuel Bernedt.

Numa das aventuras do Marujo, em tempos de férias escolares, tio Tite, e seu irmão inseparável, o tio Mauri, foram ao um piquenique em uma fazenda do Cerro Negro, da família de [Guilherme Meurer e Maria Mees](#), lá para os lados da Vila Nova, em Ituporanga. A carroça do Marujo foi com uma turma de oito pessoas, todos conversando e alegres, numa manhã de sábado, ensolarada. Em lá chegando, havia uma ponte sobre um riacho, apenas para pedestres e o gado, rudimentar, feita de troncos de madeira, estreita e provida de apoios laterais, também conhecida por pinguela.

A turma decidiu atravessar tal ponte para montar a barraca do outro lado, para esticar a esteira e montar a cesta de comidas e ainda montar no Marujo. Para isto, retiraram o cavalo da carroça e tio Tite puxou o Marujo pelo cabresto, ainda atrelado, sobre a pinguela, que não aguentou seu enorme peso de desabou. Aos gritos de toda a garotada o Marujo foi arremessado no riacho, a uma distância de 4 metros abaixo da pinguela.

Com esta aventura, Tio Tite caiu junto e logo nadou para a margem, recuperando seu boné, e sendo seguido pelo Marujo, que atolou na margem, sob o capinzal. A retirada do Marujo do lamaçal foi outra aventura paralela, que necessitou a participação do vovô Vitório, que foi chamado para a emergência, segundo Tio Mauri. O animal ficou apenas



Marujo

com o pescoço de fora, e um Jipe foi utilizado para puxá-lo, mas patinava, não tinha força suficiente. Depois de muita luta, o laço arrebentou, e foram utilizadas correias de lona de caminhão, todos juntos. Com o Jipe e mais a ajuda de um cabo de guerra da garotada, o cavalo saiu, mas ficou com uma grande ferida em uma das pernas, porque caiu sobre um palanque.



Tio Márcio era pequeno, mas bem se lembra, pois era o mais velho dos rapazes em casa. O tio Tite e o tio Mauri estudavam fora, em Lages - SC, e por isto que tio Márcio esteve junto de algumas destas aventuras com Marujo. Durante as obras da construção da casa, os pedreiros de vovô Victório, na primeira viagem com as pedras, retiraram as laterais da carroça, mantendo apenas as tábuas do fundo, tiraram até o assento da boleia, para dar mais espaço para as pedras. Colocaram uma única camada de pedras, em cubos de 60 cm de aresta, e mais uma na boleia, para servir de assento.

Os pedreiros não sabiam das forças e resistências do Marujo, principalmente nas subidas das colinas, próximas dos pés de cortiça dos verdes campos da fazenda do seu Samuel. O Marujo seguiu sem problemas, tio Márcio foi sobre as pedras, mas na subida dos morros ele descia, pois sempre havia riscos de imprevistos. O Marujo embalou e subiu tranquilo aquela colina, o resto era moleza, e chegou ao destino. Mas na segunda viagem, os pedreiros carregaram mais, colocaram duas camadas de pedras, e o Marujo também chegou ao destino, para surpresa geral, pois aquilo era mais carga do que normalmente dois cavalos, tamanho padrão, poderiam puxar. Esta segunda viagem tio Márcio não viu, pois estava na escola, mas no dia seguinte seria a terceira viagem, e os carregadores e pedreiros estavam fazendo apostas sobre a capacidade do reforçado cavalo de vovô Victório, que aguardava pastando próximo da pedreira pela carga, que não era tão rápida, pois dependia de rampas de pranchas de madeiras e de várias alavancas. Desta vez colocaram duas camadas completas de pedras e mais uma no centro, quase completa. Digo quase, porque não puderam de fato concluir com a carga, pois quem não aguentou foi a própria carroça, que começou lentamente a entortar os eixos para cima e as rodas começaram a se inclinar para dentro, até baterem nas pedras. O Marujo de longe, olhava e, certamente pensava: “tolos”.

Vovô Victório foi comunicado da façanha e determinou que a carroça fosse levada para a ferraria, que havia logo após a ponte do Perimbó, para os devidos reparos dos eixos da



Marujo

carroça. Para isto, as pedras foram retiradas e mantidas apenas duas, uma no meio, aonde tio Márcio vinha sentado, e outra na boleia, para o condutor. No dia seguinte os eixos já estavam prontos, foram aquecidos numa forja, cuja aeração era efetuada pelo próprio ferreiro, por meio de um pedal, e batidos por marretas de aço. Como apoio, era utilizada uma enorme bigorna de aço, fixada sobre um enorme cepo de madeira, cilíndrico, cortado de uma diametral árvore, solto no chão batido da ferraria.

Marujo era mesmo imponente e chamava a atenção de todos que o avistavam, pelo seu tamanho e pela elegância do andar. Mensalmente, aos sábados, era costume lhe dar banho geral, com água e sabão, e diariamente ele era escovado com raspador e escova grossa. Para isto tio Márcio e mais algum irmão menor, o tio Mário ou o tio Nego, levava o Marujo para a ponte de baixo, do seu Marcolino, onde ficava a serraria do ilustre Tio Fernando Sens, com uma roda d'água, e cheia de correias chatas tocando as máquinas de serraria.

Lá havia no rio uma corredeira e uma represa, de apenas um metro de altura, que servia para conduzir a água para a roda da serraria. Logo após atravessar a ponte, se podia entrar no rio com o Marujo a pé, pois o fundo era todo de pedregulhos. Tio Márcio sempre levava uma barra de sabão, que era fabricado pelo vovô Victório, no enorme tacho de ferro, com restos do abatimento de um porco, uma escova e uma caneca, feita de lata de óleo de soja, além do cabresto é claro, que servia para conduzir o animal. No rio, a operação de dar banho no Marujo era uma festa, e ele adorava, ficava imóvel, curtindo a farra dos garotos ao redor dele, se molhando, mergulhando e o ensaboando. Logo após o banho, as crinas e o rabo do animal secavam rápido, como fios de seda, muito grossos.

Marujo era um animal esperto. Não falava, mas se comunicava muito bem. Suas emoções e estado temperamental por vezes eram externados de forma singular. Nunca o vimos dar um coice sequer, mas sim várias mordidas. Nosso capataz recebeu uma mordida nas costas, e o tio Mauri, que pouco estava com o Marujo, recebeu uma mordida na cabeça e outra nas costas, mas sem gravidade.

Após a conclusão das obras da casa, logo após o nascimento da tia Beth, os serviços do Marujo diminuíram sobremaneira, e ele passou mais tempo no pasto, retornando para casa para as refeições e algumas vezes para buscar trato para ele mesmo e para as vacas e porcos. Toda a produção agrícola era movimentada pelo Marujo. Isto incluía abóboras, milho, arroz, cana de açúcar, mandioca, aipim, batata doce, feijão, soja, aveia, tomate, couve-flor, e outras verduras.

Além do transporte dos produtos agrícolas, o Marujo também era utilizado para preparar a terra para o plantio. Sozinho ele arava a terra e gradeava, tarefa que nossos vizinhos somente realizavam com dois cavalos, ou com uma junta de bois ou com um trator. Para arar a terra, tio Márcio ia sobre o lombo do Marujo, o conduzindo, enquanto um capataz coordenava o alinhamento do arado. Mas para gradear, que era passar um estrado de



Marujo

madeira com pontas para baixo para esfarelar os grandes torrões de terra deixados pelo arado, tio Márcio ia sozinho sobre o Marujo e, muitas vezes ele ia sozinho mesmo, andava em linha reta e ao final do terreno retornava por uma linha paralela, exibindo sua habilidade e inteligência.

Também era de incumbência de Marujo o transporte pessoal de vovô Victório quando ia visitar a fazenda das Águas Negras, e da tia Ezir, quando ia dar aulas lá na Escola Isolada da Guabiroba. Mas a tia não conduzia ou atrelava o Marujo, isto era tarefa de homem, como o tio Márcio, por exemplo.

Quando tio Márcio levava a tia Ezir para lecionar lá na Guabiroba, numa escola chamada “isolada”, iam os três, bem cedinho, e a tia Ezir ia preparando a matéria das aulas, ou corrigindo provas, enquanto tio Márcio conversava com o Marujo. Nas primeiras vezes tio Márcio conduzia o Marujo, mas logo ele aprendeu o caminho e ia praticamente sozinho. Sabia muito bem onde era a escola e parava exatamente no lugar de sempre. Em lá chegando, tio Márcio retirava o Marujo da carroça, desatrelava e o soltava no pasto, ao lado da escola.

Não consta se foi pedido ou não autorização para o dono do pasto, ao lado da Escola, para o ingresso do animal, mas assim era feito todos os dias, e nunca houve reclamações, pois as professoras, naquela época, eram muito respeitadas. Ao final da manhã tio Márcio chamava o Marujo pelo assobio, que ele muito bem conhecia, lhe oferecia água e quirera de milho, lhe escovava o pelo e lhe atrelava novamente o correame para o retorno. A quirera o tio trazia somente uma pequena porção, suficiente para uma refeição ligeira e adestramento do animal, dentro de uma lata de cera, sem a cera, é claro, pois ela já tinha sido utilizada lá no assoalho da casa pela vovó Carmen,

Enquanto o Marujo pastava, a tia Ezir lecionava, para duas turmas de níveis diferentes, dentro de uma sala só, o tio Márcio estudava eletrotécnica em fascículos semanais de um curso por correspondência, sentado no assento da carroça, removido para um sobrado, à sombra, até o final da manhã.

Se por algum motivo, em uma manhã qualquer, o Marujo não estivesse disponível, a tia Ezir teria que ir de bicicleta para a longínqua escola isolada. Mas a bicicleta por vezes lhe incomodava. Aquela danada da corrente, toda engraxada e preta, escapava da roda dentada por muitas vezes e ela tinha que continuar andando, arrastando o lastro do aparelho de locomoção. Com o Marujo os riscos seriam menores, não havia imprevistos, já que a carga era extremamente leve para ele.

Marujo era muito esperto, como já disse, ele sabia quem os conduzia e de suas fraquezas. Quando tio Márcio estava na boleia ele sabia e obedecia, até certo ponto, enquanto sua capacidade de tração não era muita forçada, além do seu humor do momento.



Marujo

O Marujo por muitas vezes se recusou a transportar de morro acima a carga de sua carroça. Quando seu humor estava levemente alterado e a carga pesasse um pouco além de sua vontade, morro acima, ele decidia que não subiria e pronto. Ele sabia que nada se poderia fazer contra ele, que não seria demitido, sabia que sua estabilidade no emprego era garantida e que a comida também não lhe faltaria, pois grama já lhe era suficiente.

Nestes casos, o Marujo, com sua esperteza, conhecedor das fragilidades da carroça em sua retaguarda, girava os braços da mesma além dos limites, forçando as rodas contra o piso de madeira da carroça até que levantasse o suficiente para promover o desengate e desmontar por completo sua estrutura.

Desta forma, a carroça transformava-se rapidamente em quatro tábuas soltas, e toda a carga caía por terra. Com a carroça mais leve, o Marujo simplesmente dirigia-se em sentido contrário ao proposto pelo condutor, informando claramente de sua indisposição e de suas intenções de parar com os trabalhos. Assim era feito, a carga ficava ao solo e, num dia seguinte, em partes, a mesma era conduzida ao destino final. Isto ocorreu várias vezes com cargas de bambus, retirados lá das Águas Negras, da fazenda dos Schwartz, muito amigo de vovô Victório, que nunca lhe cobrou um centavo pelo produto. Estes bambus eram utilizados para servirem de apoio aos frágeis pés de tomates. O seu Schwartz tinha uma sapataria em um pequeno cômodo do Hotel Jacob Sens, bem em frente à Farmácia do seu Dilo, em alinhamento com a Ponte Pênsil, construída por vovô.

Falando de tomates, isto também lembra das façanhas espertas do Marujo. Ao final da safra de tomates, tio Márcio podia fazer a colheita diariamente dos tomates remanescentes e vendê-los na cidade, muitas vezes com algumas couves-flores. Assim, cedinho tio Márcio buscava o Marujo no pasto, lhe dava sua ração de milho ou de quirera com canas moídas, lhe atrelava o corream e com a carroça partia para a roça. No caminho, tio Márcio costumava ir cantando a moda campestre que aprendera com seu amigo João Hessmann. A letra da melodia era assim: *“Nós plantou roça, nós capinou, nós vendeu pros padre, padre não pagou. Sinhá Chiquinha, veja só, padre vai na sombra, nós vai no sol. É assim mesmo que tem que ser, nós trabalha, pros padre comer. É assim mesmo que tem que ser, nós trabalha, pros padres comer.”* Isto se repetia por muitas vezes, até o destino. Lá tio Márcio colhia o tomate e as couves e retornava para vender no centro da cidade. Para as vendas, tio Márcio ia de casa em casa, oferecendo seus produtos. Enquanto tio Márcio atendia uma freguesa, entregando em sua cozinha e recebendo o pagamento, o Marujo já seguia para a próxima casa, sozinho, e parava em frente, adiantando os trabalhos. Assim, tio Márcio seguia a pé de casa em casa, onde a freguesa já estava escolhendo a mercadoria. Mesmo que tio Márcio estivesse na boleia, poucos sabiam se tio Márcio estava ou não lá, pois pelas proporções gigantescas do Marujo, comparadas com as mínimas do pequeno garoto, de frente do cavalo seria impossível avistá-lo sentado na boleia.



Marujo

Marujo detestava o laço, e dificilmente alguém da prefeitura municipal era capaz de lhe apanhar à força, como tentavam quando ele estava as soltas pastando pelos jardins públicos. Isto não era comum, mas ocorria em algumas noites em que as porteiras dos pastos eram deixadas abertas pelos transeuntes. Ao amanhecer destes dias, podiam-se notar as marcas da luta entre o animal e os agentes municipais, pelas profundas crateras deixadas nos jardins, com toças de grama para todos os lados, demonstrando a recusa do Marujo em se submeter ao laço. Certamente seria muito mais vantajoso deixar o Marujo aparar gratuitamente a grama dos jardins públicos do que tentar prendê-lo num curral, os danos seriam bem menores.

Pelo que consta, o Marujo sempre foi um cavalo saudável. Nunca esteve doente, mas sabe-se que vovô Victório lhe administrava algumas vacinas, pessoalmente, através de uma seringa de injeção muito grande, protegida em uma carcaça metálica de aço inoxidável, com agulha extremamente longa. As aplicações sempre eram feitas no pescoço do Marujo, que corcoveava muito em protesto, quase sempre na sua estrebaria. Vovô Victório também cuidava para que tudo estivesse bem com a saúde de Marujo, e pedia ao tio Márcio que lhe informasse quando algo estivesse errado.

Por vezes vovô Victório examinava pessoalmente as fezes do Marujo, recolhendo com a mão e esmigalhando com os dedos a bosta seca, em procura de sinais, como a presença de grãos de milho inteiros. Para vovô Victório isto era um sinal que a digestão de Marujo não ia bem, e ele tomava alguma providência que sempre resolvia o problema. Frequentemente era administrado sal ao Marujo, seja por uma pedra instalada na parede da estrebaria, no formato de um rolo de papel higiênico, seja na forma do sal de cozinha, dado na palma da mão, ou ao lado da cocheira de alimento.

A estrebaria do Marujo também era algo incomum, ele tinha mais espaço no seu curral de madeira, seco e abrigado, do que se tinha para a sala de visitas da casa da vovó, além disso, ele não tinha poltronas para atrapalhar, e mesmo assim dormia de pé, como todo cavalo.

O tempo foi passando e tio Márcio teve que estudar fora. O Marujo ficou sob responsabilidade do irmão caçula, o tio Nego, que depois teve que sair também para estudar e o animal, por razões ainda desconhecidas, acabou ficando velho, com os dentes gastos, abaixo das gengivas e incapazes de cortar a grama do pasto, e muito menos de mastigar grãos de milho. Assim, o Marujo foi aposentado, com todos os direitos de desfrutar de uma vida digna, na sombra da grande árvore ao lado da casa do tio Nelo, um dos irmãos mais novos de vovô. Além disso, ele praticamente já não era necessário, pois vovô Victorio já tinha falecido, e haja vista que apareceram os automóveis. Vovó Carmen já andava de Fusca.

Assim, a estrebaria do Marujo foi reformulada e utilizada como casinha de brinquedos da tia Eliete, assim como a garagem da carroça do Marujo deu lugar ao primeiro automóvel



Marujo

utilizado pela família em substituição ao Marujo. Este automotor não pertencia à família, mas muito nos servia para as emergências, era uma Toyota que o tio Roberto, dono da fábrica de balas da cidade. Este Jipe servia muitas vezes para o transporte de cargas a pedido da vovó, e era dirigido por um dos primos, o primo Wilson ou o primo Neuri, em retribuição aos serviços também a eles prestados pelo Marujo no passado.

Depois da aposentadoria do Marujo, foi a vez do primeiro Fusca, retirado num consórcio na cidade de Joinville. Quem apanhou o Fusca foi o tio Márcio, que estagiava numa fábrica de equipamentos odontológicos, a Kavo. As vacas também foram acabando e não precisava mais de buscar trato. Um dia vovó Carmen, já viúva, decidiu, com pesar, que era hora do velho Marujo, já com seus quase trinta e dois anos de idade, deixar a todos, e o vendeu, quase de graça, para um conhecido que sabia muito bem a utilidade de um velho cavalo - Fazer muitas barras de sabão que, possivelmente, iriam lavar outros cavalos na beira do rio, lá na ponte do seu Marcolino. Segundo a prima *Jéssica Carolina Sens*, de Itajaí – SC, que é bastante estudada no assunto, o Marujo era da raça **Crioulo Puro Sangue**, e não merecia este fim.



Por Tio Márcio, no carnaval de 2005.